



CAMINHOS DE PESQUISAS POLITICAMENTE SITUADAS: A PRODUÇÃO DOS PODCASTS *TRAMAS DA HISTÓRIA* PELO AYA LABORATÓRIO

Leonardo André Rolim de Moura¹

Graduando em História (UDESC)



<https://orcid.org/0009-0001-7116-7700>

Recebido em: 20 de janeiro de 2025

Aprovado em: 5 de março de 2025

RESUMO

O projeto *AYACast: Tramas da História* consiste na produção de podcasts no formato de entrevistas, que surge como ação do programa de extensão Histórias Africanas e Indígenas: Olhares e Práticas na Educação, coordenado pelos professores Dr. Filipe Noé da Silva e Dr^a. Claudia Mortari, realizado pelo AYA Laboratório em parceria com a Emitai Produção Audiovisual. O *Tramas da História* é a segunda temporada do AYACast, trazendo entrevistas com os pesquisadores e pesquisadoras vinculados ao AYA, apresentando suas trajetórias de pesquisa que se comprometem com a produção de conhecimentos situados e na interlocução com os sujeitos da pesquisa. Dessa forma, o *Tramas da História* aborda os conhecimentos produzidos sobre, com e a partir de sujeitos negros, africanos e indígenas, bem como apresenta os desafios metodológicos de tais

¹ Graduando em Licenciatura em História pelo Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista de Extensão integrante do AYA Laboratório de Estudos Pós-coloniais e Decoloniais da UDESC. Email para contato: leo.rolim.m@gmail.com



pesquisas. O presente trabalho visa discutir a produção desses materiais, trazendo o aspecto formativo da realização dessas produções para os bolsistas envolvidos, e demonstrar as potencialidades do projeto.

PALAVRAS-CHAVE

Tramas da História; Podcast; Decolonialidade Combativa.

Introdução

O projeto *Tramas da História* traz uma série de entrevistas, em formato de podcast, realizadas com os/as/es pós-graduandos/as e pesquisadores/as do AYA Laboratório de estudos Pós-coloniais e Decoloniais, abordando suas trajetórias de pesquisa, metodologias e temas escolhidos. Com o propósito de divulgação científica, esta série de podcasts evidencia o caráter plural dos trabalhos produzidos no âmbito do laboratório, bem como o compromisso de produzir pesquisas transdisciplinares e multidisciplinares, politicamente situadas, articuladas com as lutas sociais e nas perspectivas críticas intercultural e interseccional. O projeto surge como parte da ação AYAcast, iniciada em 2020 com sua primeira temporada *Narrativas e Histórias Plurais*, trazendo no formato de podcast episódios que resultaram do 1º Encontro Pós-colonial e Decolonial (1ºEPD), realizado pelo AYA Laboratório em 2019. O *Tramas da História*, apresenta-se como a segunda temporada da ação AYAcast, sendo parte do Programa



Histórias Africanas e Indígenas: olhares e práticas na educação, coordenado pelos(as) professores(as) Dr. Filipe Noé da Silva e Dra. Claudia Mortari. A produção dos podcasts foi realizada através da parceria com a Emitai Produções, composta por Vinicius Pinto Gomes, mestre pelo PPGH-UDESC, e por Tathiana Cristina da Silva Anízio Cassiano, doutoranda pelo PPGH-UDESC.

Os bolsistas que compõe a equipe envolvida na produção de audiovisuais do AYA são os graduandes em História João Gabriel dos Santos Pinto, Leonardo André Rolim de Moura e Mirele Vitória Oliveira Cardoso; a graduanda em Geografia Júlia Victória Lobo Pinto; a graduanda em Teatro, Danieli Finaú Geraldo Correa; bem como a mestranda pelo PPGH-UDESC Luiza Ferreira da Silva e a pesquisadora associada Msa. Jeane Adre Rinke. O núcleo diretamente ligado à produção do *Tramas da História* é composto por mim, Leonardo Moura, Luiza Silva, Jeane Rinke, Vinicius Gomes e Tathiana Cassiano. Com a equipe devidamente apresentada, posso dar continuidade a essa comunicação sobre o desenvolvimento do projeto *Tramas da História*, idealizado e desenvolvido nos anos de 2024 e 2025.

As estruturas do *Tramas da História*

As entrevistas do projeto *Tramas da História* seguem uma mesma estrutura, o que não indica que as perguntas feitas são iguais para todos os convidados, a estrutura geral das perguntas se mantém, trazendo um caminho narrativo semelhante entre o que,



eventualmente, virão a se tornar os episódios desse podcast. A estrutura mencionada foi elaborada através das salas de roteiro, desenvolvidas com os membros da equipe AYAcast. Em um primeiro momento, entrou-se em contato com as pesquisadoras e pesquisadores convidados, a fim que eles encaminhassem para a equipe trabalhos derivados de suas pesquisas, que servissem como base para elaborarmos as perguntas em conjunto. Já em um segundo momento, os membros da equipe realizavam a leitura dos materiais enviados por nossas convidadas/os e faziam anotações dos temas que julgamos mais pertinentes, já pensando em possíveis perguntas para a entrevista. Com as anotações feitas era realizada a sala de roteiros, para a discussão dos temas que poderiam ser importantes para a entrevista, pensando numa estrutura de três blocos de perguntas.

O primeiro bloco é destinado a responder à pergunta “Quem é o/a nosso/a entrevistado/a?”. Dessa maneira, as perguntas do primeiro bloco são mais focadas em instigar o entrevistado, ou entrevistada, a contar sobre sua trajetória de pesquisa, questionando quais elementos culturais e materiais a constituem enquanto pesquisadora? Como foram as experiências que a levaram ao lugar que ela ocupa, atualmente, com sua pesquisa? Em suma, como nossa entrevistada situa-se enquanto pesquisadora, buscando demonstrar de que lugar a pesquisadora fala, rompendo com uma falsa noção de neutralidade na pesquisa, já criticada por teóricas feministas como Donna Haraway². Além disso, pretende-se demonstrar as subjetividades operacionalizadas por esses

² HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41, 2009.



pesquisadores e pesquisadoras, na forma de apresentar suas formas de ser e estar no mundo. Algo que vai justamente contra a ideia do chamado “homem transparente”, que não é definido por ninguém e por sua posição pode definir os outros, aquele cujo Denise Ferreira tanto nos alerta dos perigos.³

Após conhecermos como nossa pesquisadora se situa, partimos para nosso segundo bloco, este focado principalmente nos desafios particulares de cada pesquisa. Neste bloco, as perguntas buscam fazer a convidada contar sobre o aspecto metodológico de sua pesquisa, através de suas escolhas de fontes, de diálogos, de linguagens utilizadas, o que se demonstrou enquanto um desafio e quais foram as decisões tomadas a fim de lidar com tais desafios. Um elemento de desafio comum as pesquisas desenvolvidas no âmbito do AYA Laboratório e que se buscou abordar nessas entrevistas foi como produzir essas pesquisas, partindo do princípio que não se está observando objetos de pesquisa, mas sim estabelecendo diálogos com sujeitos da pesquisa. Como muito discutido pela professora Claudia Mortari, é a experiência de produzir pesquisas sobre, com e a partir de sujeitos, valorizando as experiências e epistemes dos sujeitos da pesquisa.

Compreendendo como nossas entrevistadas se situam e quais os desafios metodológicos enfrentados em suas pesquisas, partimos para nosso terceiro e último bloco de perguntas. É o momento que se atenta às questões mais específicas de cada pesquisa, mas também o bloco voltado para abordar como as pesquisadoras percebem as

³ FERREIRA DA SILVA, Denise. "Homo modernus: para uma ideia global de raça." *Rio de Janeiro: Cobogó* (2022).



potencialidades das pesquisas, por exemplo, como pensar sua projeção e os passos futuros para onde essa pesquisa pode se desdobrar. Esse bloco dialoga muito com a prática do laboratório de produzir pesquisas politicamente situadas que conectam-se com o conceito de “decolonialidade combativa”, de Nelson Maldonado-Torres. O autor defende como é fundamental a relação com os movimentos sociais e que não se pode perder essa relação de vista, se buscamos produzir um conhecimento combativo e socialmente engajado⁴. Dessa forma, as pesquisas realizadas no AYA Laboratório refletem esse comprometimento, promovendo o diálogo com as comunidades e sujeitos oriundos de movimentos sociais. Esse processo estabelece um movimento de fora para dentro, trazendo esses conhecimentos para a academia, ao mesmo tempo em que tensiona e rompe as fronteiras dessa instituição de dentro para fora, ampliando o acesso de pessoas de movimentos sociais e comunidades a esses espaços acadêmicos.

Pesquisas politicamente situadas

Nossas entrevistas foram realizadas com as/os pós graduandes e pesquisadores do AYA Laboratório, a primeira delas foi desenvolvida no dia 4 de abril de 2024, com a Doutora Carol Lima de Carvalho. Em sua entrevista, Carol demonstra a influência na sua pesquisa de suas experiências enquanto uma mulher negra, carnavalesca, de

⁴ MALDONADO-TORRES, Nelson. COLONIALIDAD Y DECOLONIALIDAD COMBATIVA Entrevista con Nelson Maldonado Torres. [Entrevista concedida a] Claudia Mortari; Marcello F. Morais de Assunção; Luisa Tombini Wittmann & Tathiana C. da Silva Anizio Cassiano. Revista de Teoria da História, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 26, n. 2, p. 141-164, 30 dez. 2023.



Florianópolis e com uma importante trajetória pela sala de aula. A forma como Carol se apresenta também é interessante, a pesquisadora se coloca enquanto filha de Sonia Carvalho, neta de Dona Uda e bisneta de Dona Geninha. Essas importantes figuras femininas na vida de Carol foram fundamentais para o desenvolvimento de sua pesquisa sobre os protagonismos de mulheres negras no carnaval de Florianópolis, em especial Dona Geninha, que ganha destaque por ter sido fundadora e diretora de uma escola de samba, anterior a escola de samba mais antiga ainda em atuação em Florianópolis. Ao colocar-se na pesquisa e trazer sua trajetória familiar, acadêmica e de vivência do carnaval, Carol apresenta sua subjetividade, o que nos permite vislumbrar um pouco dos motivos das escolhas que ela faz em sua pesquisa e dos caminhos pelos quais ela irá nos conduzir.

Por entendermos essas subjetividades que se torna tão interessante observar a forma como Carol organiza sua tese de doutorado, trazendo na sua estrutura um formato de desfile de escola de samba.⁵ Dividindo os capítulos em alas, guiando o leitor como em um grande desfile, trazendo uma forma de organizar o texto que destaca-se não por um mero valor estético, mas por incorporar na forma a subjetividade e os temas da pesquisa. Realizar isso não é só inspirador, como desafiador e algumas das perguntas feitas a Carol

⁵ Abordo aqui a tese de Carol, porém o material consultado para a entrevista foi de um momento anterior, quando a sua tese ainda não havia sido concluída. No entanto, como tanto no trabalho disponibilizado por Carol para a entrevista, quanto na versão final de sua tese, a estrutura e forma tão única como ela organiza o texto que eu destaco nesta comunicação se mantém muito semelhantes, então não há perda aqui. Optei por fazer menção da tese e não do artigo que foi lido para a entrevista, pela tese de doutorado ser a versão mais completa e acurada, como também para prestigiar um pouco o trabalho tão inspirador de Carol Carvalho.



no segundo bloco de sua entrevista foram a respeito das dificuldades metodológicas de se fazer tal movimento. Outras perguntas vieram, para saber das dificuldades de trabalhar com a oralidade e quais desafios Carol encontrou na realização das entrevistas com diversas mulheres ligadas ao carnaval.

Por fim, o fechamento da entrevista com Carol foi mais focado no cenário do carnaval e na produção de conhecimento sobre o evento, como a própria Carol costuma dizer é preciso pensar a escola de samba como um espaço de produção de conhecimento alicerçado em corpos e experiências negras. Essas reflexões a respeito da produção de conhecimento no carnaval permitem pensar a circularidade desses conhecimentos e a incorporação deles em outros ambientes educacionais.

Em resumo, nesse momento, trouxe os relatos a respeito da entrevista com Carol, para ilustrar essa estrutura, destacando os elementos de cada bloco e demonstrando como se apresenta uma fluidez e construção de narrativa que passará a auxiliar, inclusive, no processo de edição desses materiais. As outras entrevistas realizadas com os pesquisadores e pesquisadoras do AYA Laboratório, desenvolvidas ao longo desse ano de 2024, não abordarei tão afundo por conta das limitações de extensão deste presente trabalho, porém mencionarei quem foram nossas e nossos convidados, suas pesquisas e diálogos estabelecidos de forma breve.

A segunda entrevista realizada foi com o mestre pelo Programa de Pós-graduação em História da UDESC, Weuler Pereira de Azara, em 11 de abril. Natural de Minas Gerais, Weuler traz uma importante experiência na docência e realiza sua pesquisa através



do diálogo com mulheres indígenas engajadas na luta político partidária. Na pesquisa do historiador, a questão do se colocar enquanto alguém de fora do grupo social dos sujeitos de sua pesquisa, aparece bastante, de forma precisa e cuidadosa. Ele estabelece seus diálogos expondo na entrevista as adversidades de sua pesquisa dialogando sobre, com e a partir dessas mulheres indígenas e se colocando como um aliado nessa luta. Na entrevista, Weuler aborda ainda como sua pesquisa se desdobrou na produção de um audiovisual intitulado *Aldear a Política*, centrado na trajetória política dessas mulheres indígenas, na luta por ocupar esses espaços constitucionais.

Após Weuler, também no dia 11 de abril, foi realizada a entrevista com o doutorando pelo programa de Pós-graduação em História da UDESC, Rodrigo Faria dos Reis. O pesquisador desenvolve seu trabalho a respeito da historiadora e pesquisadora Beatriz Nascimento, buscando estabelecer diálogos entre a produção de Beatriz e outros teóricos da Teoria da História, como Paul Ricoeur. Através desses diálogos, Rodrigo reflete a respeito das categorias de espaços de memórias de Ricoeur, pensando num diálogo com Nascimento, aborda os corpos da população negra também enquanto vetores dessas memórias. Na entrevista ele aborda profícuas reflexões a respeito de memória, identidade e pertencimento da população negra nesse diálogo no campo da Teoria da História.

Nossa quarta entrevista aconteceu em 24 de abril com o Dr. Filipe Noé da Silva, formado pela Unicamp, atualmente professor do Departamento de História da UDESC e professor coordenador do AYA junto com as professoras Claudia Mortari, Luisa



Tombini Wittmann e Juliana Crisp. O professor Filipe traz em sua trajetória de pesquisa um foco nos estudos de Antiguidades e Arqueologia. O enfoque de sua entrevista baseou-se a partir de um estudo do professor a respeito das relações e significações que grupos de pessoas cativas e libertas no Império Romano estabeleciam com o trabalho. Durante a entrevista com o professor Filipe além das perguntas de caráter metodológico que são muito profícuas, houve bastante interesse em perguntar a respeito das transformações, nos últimos anos, de campos da História mais conservadores, como os estudos de Antiguidade e Medieval, o que foi justamente gerado por novos pesquisadores, como o caso do próprio professor Filipe, trazendo outros olhares ao estarem pesquisando nesses campos e assim transformando-os.

A próxima entrevista ocorreu em 30 de abril com o doutorando pelo PPGH/UDESC, Willian Felipe Martins Costa. O pesquisador trabalha sobre as memórias a respeito das irmandades negras da cidade de Laguna, em Santa Catarina. Durante a entrevista, ele destacou a experiência de estabelecer contatos e realizar entrevistas com educadoras, educadores e pessoas engajadas com o movimento negro da cidade, bem como integrantes das irmandades. Na sua pesquisa, Willian realiza um processo de “costura de memórias”, estabelecendo conexões entre documentos e os testemunhos orais presentes na entrevista, para entrecruzar essas memórias a respeito das irmandades negras de Laguna.

A sexta entrevista se deu com a mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da UDESC, Luiza Ferreira da Silva, no dia 24 de maio. Em sua pesquisa, Luiza



através do projeto de pesquisa da professora Claudia Mortari teve contato com as obras do escritor nigeriano Chinua Achebe. Trazendo sua própria análise, Luiza observou a questão editorial do primeiro livro publicado de Achebe, *O mundo se despedaça*, observando a relação do cenário editorial da Nigéria no pós-independência em que Achebe estava inserido, pensando justamente os clubes e redes de contatos desses e dessas escritoras nigerianos que atuavam na época. Se colocando na pesquisa Luiza consegue lançar outras perguntas para as fontes editoriais do contexto que pesquisa; e evocar um pouco das possibilidades de lançar outros olhares para o a descolonização da Nigéria e refletir sobre os olhares que vemos lançando para esse contexto.

A próxima entrevista foi realizada com a doutoranda, do Programa de Pós-graduação em História da UDESC, Tathiana Cristina da Silva Anízio Cassiano, no dia 14 de junho. Na sua pesquisa, Tathiana investiga as obras da escritora nigeriana Flora Nwapa. Trazendo sua subjetividade, Tathiana traz uma análise usando da literatura de Flora Nwapa para buscar compreender o contexto social da Nigéria no período pré e pós a independência narrado pelo ponto de vista de uma mulher *igbo*. Embates metodológicos entre os campos dos estudos africanos, estudo de literatura e os estudos decoloniais aparecem na entrevista de Tathiana como um desafio, que ela enfrentou e enfrenta no desenvolvimento de sua pesquisa. Além disso, sua experiência com a sala de aula e seu mestrado profissionalizante, realizado também na UDESC, marcam sua pesquisa, trazendo questionamentos sobre como os resultados dessa pesquisa podem ser



aproveitados para o ensino de História e combate ao epistemicídio, pensando na aplicação da lei 10.639.

No dia 9 de agosto foi realizada a entrevista com a Doutora Claudia Mortari, professora do Departamento de História da UDESC e coordenadora do AYA Laboratório. Na entrevista com a professora Claudia, o enfoque se deu na sua trajetória enquanto pesquisadora e professora e na criação do laboratório AYA. Abordaram-se os princípios que marcam as produções do laboratório, como uma pesquisa politicamente situada e comprometida com um diálogo com os movimentos sociais; bem como uma produção combativa e que se trabalhe sobre, com e a partir dos sujeitos da pesquisa. A entrevista por fim ainda trouxe algumas projeções do laboratório para os próximos anos.

Em 14 de setembro, ocorreu a entrevista com o doutorando pelo PPGH/UDESC Fernando Nilson Constancio. Em seu trabalho, o pesquisador aborda as relações do carnaval da cidade de Florianópolis com o poder público, as disputas e embates que a comunidade carnavalesca de Florianópolis enfrenta para manter viva a tradição do carnaval. Na sua entrevista, Fernando falou sobre como sua formação enquanto historiador influenciou suas produções de enredos de samba, ao mesmo tempo, que suas experiências como carnavalesco moldaram sua escrita como historiador.

Nossa penúltima entrevista foi realizada com Bruna Andrade Benjamim de Souza, doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História da UDESC, no dia 24 de setembro. Na sua entrevista, Bruna conta sobre suas pesquisas a respeito do *rap* enquanto elemento formador de identidade da população negra. Bruna traz uma análise interessante



a respeito das transformações que as “rediasporas” para o continente africano trazem para as músicas de artistas como Gilberto Gil, Jorge Ben Jor e Emicida.

Encerrando nossas entrevistas, no dia 18 de outubro, realizamos a gravação com a Doutora Luisa Tombini Wittmann, coordenadora do AYA Laboratório. Em sua entrevista foi abordado a sua aproximação dos estudos de história indígena e como se colocar enquanto aliada nessas lutas. Também se deu enfoque em sua pesquisa sobre cinema guarani, ressaltando as características da temporalidade e modo de produção *mbya* guarani, que se refletem nos filmes produzidos e na construção dessa *aesthesis* decolonial⁶.

Como o projeto não acaba com as entrevistas realizadas, que inclusive se encontram em processo de edição, me proponho então a trazer algumas reflexões a respeito da sua potencialidade, enquanto material, e no seu importante aspecto formativo para os bolsistas membros da equipe envolvidos no projeto, como eu.

Potencialidade do AYACast

O projeto AYACast Tramas da História demonstra sua potencialidade como uma maneira de divulgar as pesquisas realizadas no âmbito do AYA Laboratório. Tendo em vista que o laboratório se propõe a contribuir no processo de implementação da Lei

⁶ Para melhor compreensão do conceito de *aesthesis* decolonial recomendo o texto de Walter Mignolo e Rolando Vazquez: MIGNOLO, Walter; VÁZQUEZ, Rolando. Decolonial aesthesis: Colonial wounds/decolonial healings–Social text. Retrieved December, v. 15, p. 2019, 2013.



Federal 10.639/03 e a 11.645/08, por meio de realização de ações envolvendo a qualificação, através da construção e divulgação de conhecimentos históricos e culturais, de profissionais da rede de ensino, acadêmicos/as de graduação e pós-graduação do campo das Ciências Humanas e Artes, bem como integrantes de movimentos sociais. O projeto AYACast, e nesse caso mais especificamente o *Tramas da História*, tem como objetivo divulgar essas pesquisas produzidas através do diálogo com uma decolonialidade combativa, buscando assim que essas discussões e produções circulem para fora da academia⁷.

Para tal objetivo o formato de podcast é muito profícuo, afinal um produto neste formato tem uma maior permeabilidade em um público que não seja estritamente acadêmico. Por mais que, alguns dos trabalhos que serviram de base para elaboração das perguntas da entrevista tenham um vocabulário mais acessível, sua extensão e forma acabam por torná-los mais difíceis de serem consumidos por um público mais diversos. Nesse sentido, o podcast tem mais sucesso em atingir pessoas que possam se interessar pelas discussões das pesquisas.

Acho ainda interessante ressaltar como a produção dos episódios do *Tramas na História* contribuíram para a minha formação enquanto bolsista dentro do AYA

⁷ Para melhor compreensão da leitura que faço a respeito do que seria uma decolonialidade combativa, ver em: MALDONADO-TORRES, Nelson. COLONIALIDAD Y DECOLONIALIDAD COMBATIVA Entrevista con Nelson Maldonado Torres. [Entrevista concedida a] Claudia Mortari; Marcello F. Moraes de Assunção; Luisa Tombini Wittmann & Tathiana C. da Silva Anizio Cassiano. Revista de Teoria da História, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 26, n. 2, p. 141-164, 30 dez. 2023.



Laboratório e como Historiador. Desde o processo de elaboração de perguntas para uma entrevista, o que é muito útil para nós historiadores que utilizamos de entrevistas e depoimentos de pessoas ainda vivas para produzir fontes. Até o processo de “improvisar” as perguntas que surgem durante a entrevista é enriquecedor, como vi ocasionalmente Vinicius fazendo. A própria maneira de como se portar em uma entrevista foi algo que aprendi, principalmente, a partir da experiência de produção do projeto, observando o “Vini” no papel de entrevistador. Ainda acrescento o conhecimento de montagem dos equipamentos, como algo que se mostrou muito útil, como também uma tarefa que passei a gostar de fazer, algo que jamais esperava realizar no início da minha formação como historiador.

Mas o principal elemento que levo para minha formação dessa experiência está em como minhas e meus colegas do AYA realizam suas pesquisas. A forma de se inserir na pesquisa rompendo com uma falsa imparcialidade do pesquisador, que ignora as diversas categorias e identidades que compõe nossas subjetividades, é algo que venho amadurecendo aos poucos na minha escrita e incorporando em minhas produções⁸. As formas de lidar com as dificuldades metodológicas também me marcaram, como estabelecer os contatos, como promover esses diálogos e principalmente, como produzir

⁸ Tais reflexões a respeito do processo de se inserir na pesquisa e demarcar esse local de fala, vieram principalmente das discussões realizadas nos grupos de estudos do AYA, em especial em nossa leitura do livro “Homo modernus: para uma ideia global de raça” de Denise Ferreira, onde a autora aborda os perigos do “sujeito transparente” que não se vê definido por marcadores de gênero, raça, sexualidade, etc. E por tanto se entende como universal e na posição de definir o “outro antropológico”. Ver mais em: FERREIRA DA SILVA, Denise. “Homo modernus: para uma ideia global de raça.” *Rio de Janeiro: Cobogó* (2022).



pesquisas sobre, com e a partir de sujeitos com quem se dialoga. Esses são elementos que valorizo muito e que com o passar dessa experiência passei a entender um pouco melhor, o que esses fundamentos, que marcam tanto as produções aqui do AYA Laboratório, são na prática.

Considerações finais

As entrevistas realizadas no projeto *Tramas da História*, que eventualmente darão origem a episódios de podcast, se demonstram como um caminho para o desdobramento de pesquisas politicamente situadas, como as que vêm sendo desenvolvidas no AYA Laboratório. Como mencionado anteriormente, o formato de podcast permite alcançar um público mais amplo e se torna mais acessível a pessoas com baixa visão, com dificuldades com a leitura, ou que tenham uma maior afinidade com a oralidade, por exemplo, que poderiam ter dificuldade de acesso aos materiais escritos. Além desses fatores, esses produtos se mostram interessantes pela estrutura das entrevistas, trazendo como as/os pesquisadoras/es se situam, como se colocam na pesquisa, quais dificuldades metodológicas enfrentam e que estratégias utilizam para superá-las. Além de demonstrar a potencialidade de suas pesquisas para uma aplicação além de um texto acadêmico, que carrega sua inegável importância, mas que não possui o alcance que um podcast possui.

Os produtos gerados a partir do *Tramas da História* possuem o potencial de virem a se tornar materiais ótimos para pesquisadores/as, educadores/as e pensadores/as



interessados e mesmo possíveis materiais didáticos. E o valor formativo que, a experiência de produção desses materiais, tem para os bolsistas do projeto é inegável. Portanto, encerro minhas reflexões a respeito dessa experiência, até então instigado a seguir desenvolvendo o que aprendi nesse processo. Espero ter despertado e provocado em quem estiver lendo, o interesse de conferir os materiais, quando eles forem oficialmente publicados ao longo do ano de 2025.

Cabe salientar que este trabalho é apenas um recorte pequeno das diversas experiências de produção do *Tramas da História*, afinal, esse projeto está sendo produzido por pessoas diversas. Por fim, gostaria de evidenciar que essa discussão, a respeito de possíveis caminhos para produções politicamente situadas, está longe de ser encerrada e gostaria de provocar os interessados a trazerem suas contribuições para a discussão também. Como minha professora Claudia Mortari diria “E agora o que a gente faz com isso?”. Essa reflexão marcou, e vem marcando, o desenvolvimento desse projeto e com ela encerro essa comunicação.